

Dias defende presidente da Funai

Ministro da Justiça critica forma pela qual o auxiliar demitiu Orlando Villas Boas, mas manterá Marés no cargo

Da Agência Estado

O ministro da Justiça, José Carlos Dias, afirmou que o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Frederico Marés Filho, falhou na comunicação da demissão do sertanista Orlando Villas Boas. Segundo Dias, Marés também teria sido infeliz em suas declarações sobre o episódio, considerado pelo presidente da Funai como um fato "pequeno". "Ele não foi feliz", admitiu o ministro.

Mas, por enquanto, dentro do Ministério da Justiça, não existe qualquer determinação superior para que Marés seja demitido, apesar de o Palácio do Planalto ter-se sentido constrangido com a demissão. Tanto é que o presidente Fernando Henrique Cardoso telefonou para Villas Boas pedindo desculpas pela forma como foi informada sua demissão.

No dia 25, Marés demitiu por fax o sertanista. No documento, o dirigente dizia que lamentava ter de solicitar o cargo de Villas Boas de assessor da presidência, porque o sertanista não poderia acumular benefícios, já que havia recebido uma pensão vitalícia do governo no ano passado. O salário de Villas Boas era de pouco mais de R\$ 1,3 mil.

"Se ele (Marés) fosse um diplomata, estaria no Itamaraty e não na Funai", afirmou José Carlos Dias, assegurando que seu subordinado permanece no cargo, em que tem feito um bom traba-

lho em três meses de gestão. "Basta não se ouvir mais falar na Funai para mostrar isso", justifica.

Segundo Dias, Orlando Villas Boas fará parte do Conselho Indigenista que está sendo criado dentro da própria Funai. Ao ministro da Justiça, o sertanista, de 86 anos, afirmou que não poderia sair constantemente de São Paulo para participar das reuniões do conselho. "Falei para ele que poderia colaborar na medida do possível, fazendo pareceres, relatórios ou estudos sobre a causa indígena", contou Dias.

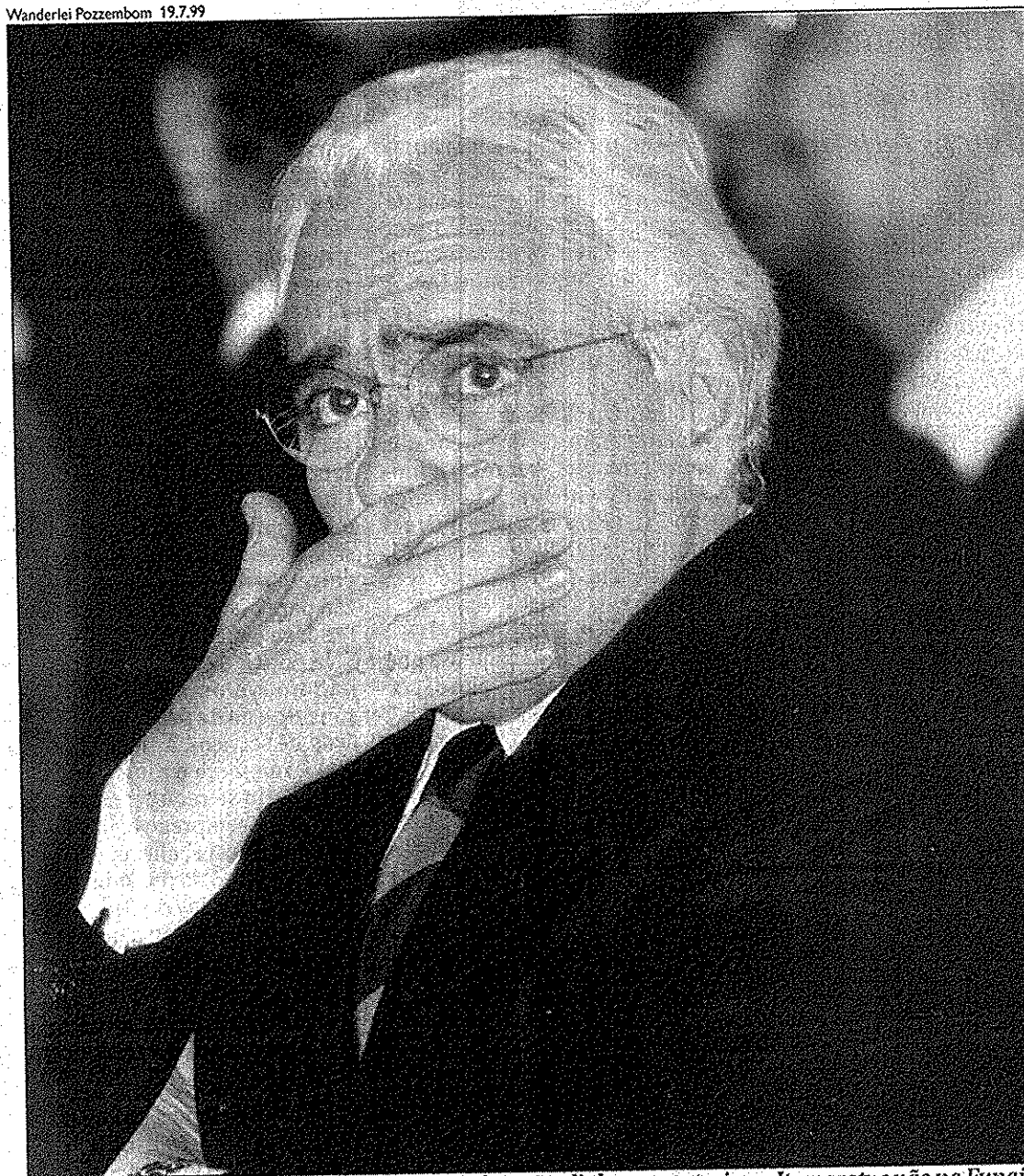
O ministro afirmou que a decisão de telefonar para Orlando Villas Boas partiu dele próprio, independentemente da ligação feita pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. "Não havia nada tratado", afirmou Dias, ressaltando que o sertanista recebeu os telefonemas com satisfação.

Em São Paulo, Villas Boas disse que decidiu aceitar o convite feito pelo ministro da Justiça para integrar o Conselho Indigenista da Funai. "Fiquei sensibilizado com o telefonema do presidente Fernando Henrique Cardoso e com as mensagens de apoio de vários setores da sociedade."

DIVERGÊNCIAS POLÍTICAS

A volta de Villas Boas, porém, não significa que ele concorde com a atual política indigenista da Funai, que ajudou a fundar em 1965. "Estou velho; sinto o corpo cansado, mas, em defesa da causa indígena, vou até o fim.

Wanderlei Pozzembom 19.7.99



Apesar da demissão, Dias apóia Marés: "Se ele fosse um diplomata, estaria no Itamaraty e não na Funai"

Sou feito da mesma fibra do marechal Rondon, não vou desistir agora nem nunca. Acredito que o índio brasileiro precisa de um tratamento melhor, o que não es-

tá ocorrendo no momento."

O sertanista destacou ainda que o telefonema do presidente da República pedindo desculpas lhe devolveu o ânimo que quase havia

perdido. "Cheguei a pensar que toda a minha vida de dedicação aos índios tinha sido em vão, mas depois, com a solidariedade recebida, percebi que ainda tenho o

que fazer pelos meus irmãos."

Colaboraram para o retorno de Villas Boas o apoio do cacique Aritana, chefe dos iualapitis no Xingu, bem como a indignação demonstrada por Piracumã, irmão de Aritana e coordenador administrativo do Parque Nacional Indígena do Xingu. "O meu povo sabe o que eu e os meus irmãos fizemos para criar a reserva e não permitir que os fazendeiros tomassem conta da região", observou Villas Boas.

O pai de Aritana e Piracumã é Paru, um velho cacique que desde os anos 50 cultiva um estreito relacionamento com os irmãos Villas Boas. Na tradição oral dos índios do Brasil Central, especialmente das 11 nações xinguanas, os Villas Boas são considerados filhos ilustres da terra. Tanto Cláudio como Leonardo, ambos já falecidos, foram homenageados em 1998 com Quarups (ritual de despedida dos mortos) na aldeia dos camaiurás.

Desde então, na cultura local, é especialmente entre os mais jovens (como Tapi, filho de Aritana), Orlando é o último dos brancos que têm uma linha direta com os seus antepassados. São esse laços que fazem do sertanista um dos mais conceituados mediadores entre as tribos da região, um universo de cerca de 9 mil índios nem sempre pacífico.

O sertanista enviará cartas de agradecimento ao ministro do Desenvolvimento Agrário, Raul Jungmann, ao secretário de Comunicação do governo, Andrea Matarazzo, e ao ministro Dias pelos convites que recebeu logo depois da demissão. "Todos foram muito corretos e manifestaram que a atitude do senhor Marés foi, no mínimo, indelicada."